

Em 1963, o francês Robert Filiou pôde determinar que aquilo a que chamamos arte pictórica começou a existir há um milhão de anos. De facto, testemunhos dessa “necessidade de arte” da parte do homem, já no período paleolítico, temo-los nas inúmeras imagens que antepassados nossos nos legaram em grutas e cavernas em várias partes do mundo. Ainda que rupestres, e embora rudes, esses habitantes de cavernas já tinham dentro de si aquilo a que o filósofo alemão Leibnitz chamou de “harmonia preestabelecida”, isto é, uma correspondência estabelecida por Deus, entre as leis do corpo e as da alma.

O nosso século, contudo, deturpou, sob muitos aspectos, este nobre conceito de Arte. Viciou-o, conspurcou-o. Daí muita da arte de hoje não nos atrair, não nos estimular, não nos consolar. E a finalidade da Arte não é isto, não pode ser isto.

Porque, como Matisse definiu: “Quando a Arte carece de substância, passa a ser uma brincadeira de criança”. Ao que podemos acrescentar o sábio conselho de Cocteau: “O artista deve saber sempre quão longe é possível ir demasiado longe”.

O pintor António Carmo personifica, como poucos, a missão da Arte no sentido mais vasto deste conceito. Sem exagero, ele cultivava tão-somente aquilo que tão acertadamente se designa por Belas-Artes.

Começo por realçar o seu inteligente telurismo, o qual consegue ser ao mesmo tempo genuinamente português e ainda universal, porque as suas figuras são-nos mostradas em situações e comportamentos válidos para qualquer ser humano, seja ele lusitano, chinês ou africano. Vivem, trabalham, desejam-se, etc. como se vive, trabalha, se ama, em qualquer parte do mundo. Por assim dizer, uma “globalização pictórica” que encerra exclusivamente aspectos positivos, já que nos recorda que o ser humano foi criado segundo uma só imagem, tendo assim (o que muita gente ainda teima em esquecer), independentemente da sua cor ou origem étnica, as mesmas necessidades, os mesmos sonhos, enfim, todos os atributos que lhe foram dados por um ser superior ou por uma evolução darwinista. Claro que agrada sobremaneira a um compatriota reconhecer tantos pequenos detalhes inerentes à gleba portuguesa, apresentados como são sempre num colorido sensual, cativante, equilibrado, muitos deles com um movimento muito próprio, quase enigmático, resultado de um outro conhecimento do artista, a exigente arte que é a Dança.

Uma outra característica deste pintor, é conseguir, com surpreendente extrema facilidade, oferecer-nos telas com cenas que, embora públicas, estão sempre prenhas de uma tão sedutora intimidade. A meu ver, é justamente essa capacidade que faz com que, perante certos quadros de António Carmo, nos sintamos como se estivéssemos diante de um espelho. E ilusoriamente vemo-nos levados por uma mão feminina, estamos aconchegados no regaço de uma moçoila, somos o destinatário de uma carta de amor. Sim, a pintura de António Carmo seduz-me porque toda ela não é senão atractivos. A temática tão variada, o equilíbrio e a elegância das composições, a correcção do traço seja ele ténue ou forte, o colorido ousado sempre de bom senso, e, *last but not least*, essas suas micropaisagens aqui e ali, cujo fim parece ser evidenciarem ainda mais esses seus corpos humanos tão humanos, tão calmos, tão sadios, tão meigos, como se todos eles nos gritassem em uníssono esta mensagem: O mundo dever ser assim! O mundo pode ser assim!

É muito possível que haja quem veja as obras de António Carmo como um escapismo vistoso, um perigoso fechar de olhos à dura realidade do nosso tempo. Esses críticos talvez clamem nestes termos: a vida é só dores, revezes, contratempos. A missão do artista é ser fiel à realidade, deixemo-nos de quimeras!

Ora quem assim pense, a meu ver, está errado. Esquece que uma reprodução textual, a cores ou a preto e branco, do que é hoje o nosso quotidiano, ameaçado que está a cada momento – além disso não ser Arte, porque Arte deve ser sempre uma interpretação da realidade – tal procedimento só nos prejudicaria. Além de que a arte fotográfica pode fazê-lo muito melhor, isso fechar-nos-ia numa paisagem ainda mais desoladora do que a que já nos circunda a todos: de bastante desamor, de extrema intolerância, de cega violência.

António Carmo, consciente de tudo isso, decidiu ajudar-nos, dando-nos muito daquilo que muita gente já não é capaz de ver ou talvez até já nem se lembre que existe – harmonia. Harmonia salutar, consoladora. E fá-lo prodigamente, pois a sua Arte não é só pintura. Tem uma dimensão musical cativante, bem mozariana, aliada a uma sucintez poética, tocante, tão torquiana.

Alexandre Pastor

Ensaista e crítico

Estocolmo 2006